



NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE VIAGENS: LEITURAS DE GOETHE E BENJAMIN

Eduarda Santos Silva

Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG)

eduardasantos488@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4309909265257227>

RESUMO:

No gênero autobiográfico de escrita o narrador apresenta-nos relatos de vivências e reminiscências de certa época. Por meio desse tipo de narrativa, o autor apresenta sua trajetória de vida, eventualmente marcada por novas descobertas e pela busca do conhecimento de si. Para tanto, o narrador de escritos autobiográficos tende a descrever aspectos políticos, sociais e culturais de sua época, ao mesmo tempo em que agrega aos seus relatos impressões, sentimentos e emoções. Interessa-nos, no presente artigo, analisar como esse tipo de escrita está presente nos relatos de viagem de Goethe e Benjamin.

PALAVRAS-CHAVE:

Escrita autobiográfica. Relatos de viagem. Goethe. Benjamin.

AUTOBIOGRAPHICAL TRAVEL NARRATIVES: READINGS OF GOETHE AND BENJAMIN

ABSTRACT:

In the genre of autobiographical writings, the narrator presents us with reports of experiences and reminiscences of a certain time. Through this type of narrative, the author presents his life trajectory, eventually marked by new discoveries and the search for knowledge of himself. To this end, the narrator of autobiographical writings tends to describe political, social and cultural

aspects of his time, while adding impressions, feelings and emotions to his reports. In this article, we are interested in analyzing how this type of writing is present in the travel accounts of Goethe and Benjamin.

KEYWORDS:

Autobiographical writing. Travel accounts. Goethe. Benjamin.

O gênero autobiográfico se caracteriza pela escrita de acontecimentos de determinada época, cultura e espaço, que nos possibilita compreender as circunstâncias históricas nas quais o narrador está inserido. Assim, a escrita autobiográfica se configura como um processo de expressão das experiências pessoais do narrador através da escrita. Segundo Leonor Arfuch, em *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, o termo “biográfico” se relaciona, em primeira instância, a um universo de gêneros discursivos consagrados que buscam apreender a qualidade evanescente da vida, opondo à repetição cansativa dos dias e aos desfalecimentos da memória, o registro detalhado do acontecer, o relato das vicissitudes ou a nota fulgurante da vivência, capazes de iluminar o instante e a totalidade (Arfuch, 2010, p. 15). Esse modo de escrita pode ser observado em relatos de viagens como os de Goethe e de Benjamin. Na escrita autobiográfica desses autores, podemos perceber a relação entre o conhecimento de si, por um lado, e suas condições históricas de vida, por outro.

Iniciando nossa análise a partir de Goethe, podemos retomar a argumentação de Michael Jaeger em seu artigo *Uma confissão em fragmentos: Goethe, Fausto e o peregrino*, de que a escrita autobiográfica de Goethe é marcada por um caráter fragmentário, que lhe permite “acrescentar novos fragmentos aos textos já concebidos como fragmento, e assim também agregar novos significados, sempre segundo alterações resultantes de circunstâncias particulares ou políticas” (Jaeger, 2019, p. 278). Assim, a escrita autobiográfica de Goethe se desenvolve como uma narrativa de suas vivências, cujo objetivo seria o conhecimento de si mesmo, a busca por descobertas e pela liberdade. Em sua grande obra autobiográfica, *Da minha vida. Poesia e verdade*, Goethe apresenta um modelo de narrativa no qual o ato de

escrever e o caráter de formação pessoal estão intimamente ligados à realidade de sua época e à cultura de seu tempo. Conforme Wilma Maas, em *Poesia e verdade*, assim como nas *Confissões* de Rousseau, temos exemplos de relatos da experiência integral do indivíduo, capazes de se debruçar sobre a história e, principalmente, sobre a sua própria história (Maas, 1999, p. 166). Como destaca a autora, no gênero autobiográfico há o pressuposto da exatidão histórica, de uma verdade da biografia, que irá garantir a autenticidade do relato. Assim, “o autor de sua própria biografia escava e recorda, ao mesmo tempo em que intervenções mais ou menos intencionais do próprio sujeito conferem forma e perspectiva ao material escavado” (Maas, 1999, p. 167). Em *Poesia e verdade*, Goethe faz um reconhecimento de suas “falhas”, uma reconstituição dos fatos que permite uma “explicação” do conteúdo narrado, mostrando as razões de seus comportamentos aos seus leitores (Maas, 1999, p. 169). No entanto, não podemos dizer que as memórias de Goethe foram pensadas apenas como “explicação”, pois o fundamento autobiográfico de seu trabalho estaria em sua relação com a história, com sua época, que teria grande influência em sua formação individual (Maas, 1999, p. 171). Assim, vemos uma narração estetizada das experiências, que representa a trajetória de Goethe rumo à harmonia e à maturidade (Maas, 1999, p. 172). Sobre o conceito de formação em Goethe, “Bildung”, Quintella e Lastória argumentam que o autor alemão debruça-se sobre o problema da formação em condições históricas concretas (Quintella e Lastória, 2018, p. 726). Para Goethe, portanto, o conhecimento de si está fundamentado no tempo, no espaço, na memória e na história, ou seja, as condições históricas nas quais o autor estava inserido influenciavam o desdobramento de seus relatos pessoais. Era fundamental que houvesse uma correspondência entre o tempo da escrita autobiográfica e o tempo da história, que suas memórias subjetivas se relacionassem com a memória do mundo, em sua busca pela apresentação da verdade, pela representação da imagem do mundo em seus escritos.

Além de *Poesia e verdade*, temos também seu relato sobre sua viagem à Itália, no qual o autor descreve suas vivências como uma forma de terapia, seguindo uma concepção clássica de viagem, que deriva de um certo encantamento pelos lugares.

A viagem de Goethe à Itália lhe possibilitou um amadurecimento pessoal, o conhecimento de si; trouxe a ele muita tranquilidade, uma felicidade extrema, a partir de sua busca por novas experiências e descobertas. Podemos observar que o escritor alemão descreve os detalhes e impressões das paisagens pelas quais passou, que ofereciam a ele um refúgio, contribuindo para o desenvolvimento de seus escritos. Como afirma Goethe em seu relato: "Os dias são bem longos, nada me perturba a reflexão, e a visão da paisagem magnífica à minha volta não desaloja em mim o senso poético; bem ao contrário, acompanhada do movimento e do ar livre, ela o suscita com tanto maior rapidez" (Goethe, 1999, p. 26). Além de seu encantamento pelas paisagens, vemos também as observações cuidadosas de Goethe a respeito do clima e da vegetação, e como ele demonstrava se interessar pelo aprendizado de tais temas.

Em seu trajeto rumo à Itália, vemos que Goethe está diante de um novo cenário, e parece sentir-se renovado pela oportunidade de descobertas e aprendizado que a viagem lhe oferece. Em suas palavras:

O fato é que meu interesse pelo mundo se renova; testo meu poder de observação e examino até onde vão minha ciência e meus conhecimentos, se meus olhos estão limpos e vêem com clareza, quanto posso apreender em meio à velocidade, e se as rugas sulcadas e impressas em meu espírito podem ser de novo removidas. Já neste momento, em que estou por minha própria conta, em que preciso estar sempre atento e presente, dão-me esses poucos dias ao espírito uma elasticidade inteiramente nova; tenho de me preocupar com o câmbio, trocar dinheiro, pagar, fazer anotações, escrever eu próprio, em vez de, como antes, apenas pensar, querer, refletir, ordenar e ditar (GOETHE, 1999, p. 30).

Nesse sentido, a viagem para Goethe tinha o propósito de viabilizar uma volta para sua interioridade. Segundo ele: "Não estou fazendo esta maravilhosa viagem com o propósito de me iludir, mas sim de me conhecer melhor a partir dos objetos que vejo [...]" (Goethe, 1999, p. 53-54). No que se refere às paisagens apreciadas por Goethe e sua ligação com a memória, Gabriel Alonso Guimarães argumenta que as descrições de paisagens apontam para a mediação da imagem – real ou imaginada, desenhada ou meramente projetada por um tipo de olhar – na elaboração primeira

do texto. Goethe, em sua trajetória, estaria captando as paisagens dos lugares e depois transformando-as em lembrança verbal (Guimarães, 2015, p. 197).

Outro relato de viagem de Goethe que podemos citar é o *Divã Ocidento-Oriental*, analisado por Daniel Martineschen em seu artigo *O Brasil no divã*. Segundo o comentador, esse é o relato de uma viagem literária de Goethe pelo Oriente, pela Pérsia de Hafez, pelas antigas civilizações das histórias bíblicas (Martineschen, 2019, p. 301). De acordo com Martineschen, o leitor do *Divã* que percorre seu trajeto desde o início pode avistar as terras poéticas, que compreendem a viagem, e as terras do poeta. O leitor é convidado a abrir o horizonte, contemplando os meandros poéticos percorridos logo atrás, e também a se preparar para a próxima etapa da viagem (Martineschen, 2019, p. 305). Em sua viagem, Goethe leva consigo sua tradução do *Diwan de Hafez*, que o interessava bastante, de tal modo que ele foi considerado uma espécie de intermediador “ocidento-oriental” para a poesia de Hafez (Martineschen, 2019, p. 306). Entretanto, Goethe não atuou dessa forma; ao contrário, o autor alemão se apropriou da imagem do poeta Hafez e traduziu sua poesia sob uma ótica pré-existente. Em contraste ao que ocorre em sua viagem à Itália, percebemos que a viagem ao Oriente parece não ter proporcionado a Goethe um amadurecimento pessoal, ou transformações em sua compreensão de mundo. Conforme Martineschen, Goethe reage à poesia de Hafez segundo seus moldes e interesses particulares, e embora muitas vezes seja um homem à frente de seu tempo, também é um homem imerso no seu tempo; sua visão não se desvia das lentes orientalistas europeias do século XIX tanto quanto desejamos enxergar (Martineschen, 2019, p. 309).

Seguindo os passos de Goethe em suas viagens, temos também os escritos autobiográficos de Benjamin, que se fundamentavam nos pressupostos do tempo, espaço, memória, história e cultura. Assim, vemos que Benjamin carrega uma certa “herança goetheana”, ao ser instigado pelas relações de sua época e apresentá-las em seus escritos. Podemos observar que nos dois autores existe uma intenção de tornar objetivas as suas vivências subjetivas. Em seus *Escritos sobre Goethe*, Benjamin tece críticas à representação de Goethe como um poeta épico, um herói, ao espírito de louvar o gênio, e também discute o processo de amadurecimento de Goethe em

meio ao contexto histórico europeu, afirmando que “a nova burguesia reflete-se nitidamente na árvore genealógica do poeta, que foi seu sustentáculo cultural e, no início, também seu defensor político” (Benjamin, 2009, p. 124). Mais adiante, Benjamin afirma que:

Se é verdade que o grande autor, desde o princípio, converte o seu mundo interior em assunto de interesse público, transforma cabalmente os problemas de seu tempo em problemas de seu mundo empírico e intelectual, foi exatamente assim que Goethe agiu, apresentando em suas obras de juventude esse tipo de grande autor com uma perfeição nunca antes alcançada (BENJAMIN, 2009, p. 130).

Por se tratar de um percurso comum àqueles que desejam realizar uma viagem de formação, Benjamin, assim como Goethe, também realiza uma viagem à Itália. Em um de seus relatos sobre essa viagem, intitulado *Minha viagem à Itália, Pentecostes 1912*, podemos notar certos pressupostos que estão presentes no modelo de escrita goetheano. No primeiro parágrafo do relato, Benjamin expõe seu desejo de fazer a viagem emergir, pois seu interesse não está na aventura ou no gosto pela aventura, mas na essência que constitui a viagem de formação. Para o autor, a escrita não se trata de algo composto por vivências isoladas, ou de um relato particular, com a finalidade de mostrar aos outros seus passeios e aventuras; o propósito de sua escrita, assim como em Goethe, seria mostrar uma combinação sólida entre natureza e arte (Benjamin, 2020, p. 1).

Os dois autores se relacionam à medida em que Benjamin segue os passos de Goethe em suas viagens e seu modelo de escrita autobiográfica. Nesse sentido, Benjamin também descreve as belas paisagens pelas quais vai passando em seu trajeto, como as montanhas e lagos. Além disso, vemos que o autor se preocupa com a forma de escrita a ser utilizada, e por mais simples que um relato de viagem possa ser, ele tem o cuidado de expor seu pensamento; o exercício livre do pensamento é o recurso utilizado por Benjamin em sua narrativa. Sua escrita autobiográfica se assemelha à obra de Goethe ao entender que o tempo autobiográfico e o tempo histórico se conectam, e que a memória subjetiva deve corresponder à memória que se tem do que é externo, do mundo. Em *Poesia e verdade*, o objetivo de Goethe é captar a imagem do mundo e expressá-la em seus escritos, e podemos observar que

Benjamin também parte desse objetivo ao empreender sua viagem. Assim, o autor desenvolve sua narrativa a partir de seu trajeto durante a viagem, das paisagens que observou, e também a partir das dificuldades com a língua e cultura diferentes.

Em seu ensaio *O Narrador*, Benjamin faz considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, tratando da arte da narração, que segundo o autor estaria em vias de extinção. Para Benjamin, é como se os indivíduos estivessem privados da faculdade de intercambiar experiências, e uma das causas principais desse fenômeno seria a percepção de que os indivíduos já não contavam histórias como antigamente, pois estariam cada vez mais distantes uns dos outros devido ao desenvolvimento da técnica e das tecnologias. Assim, era também cada vez mais rara a transmissão de histórias e experiências dos mais velhos aos mais novos. De acordo com Benjamin, a principal razão para o declínio da narração é a de que na modernidade os fatos já nos chegam acompanhados de explicações, e assim nada que ocorre está a serviço da narração; pelo contrário, tudo está a serviço da informação (Benjamin, 1994, p. 203). Em *Experiência e pobreza*, Benjamin também discute essa temática, e afirma que os homens estão mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos, pois um monstruoso desenvolvimento da técnica se sobrepôs a eles (Benjamin, 1994, p. 115).

Portanto, vemos que para Benjamin os homens estão cada vez mais desvinculados daquilo que se constituía de fato como experiência. A experiência é um conceito central para Benjamin, e como aponta Carla Damião, ele articula as ideias de declínio, de enfraquecimento e de mudança social, e se aplica ao campo das formas artísticas, da narrativa e da história (Damião, 2003, p. 11). A autenticidade da experiência se perdeu com a evolução da técnica opressora, e se tornou algo superficial, de modo que não teríamos mais algo de valor para compartilhar uns com os outros; deixa de existir, então, a memória coletiva capaz de conectar os indivíduos.

Em contraposição a essa pobreza de experiências, em suas narrações de viagens Benjamin tem a intenção de representar a imagem do mundo como algo autêntico, único e espontâneo, que tem proximidade com a natureza, como podemos observar em seu relato sobre Pentecostes. Além deste relato, há também

seu relato sobre Nápoles, escrito em conjunto com Asja Lacis. Nesse segundo relato, vemos que Benjamin trata mais de aspectos sociais, políticos e econômicos da cidade, sem apreciar muito as paisagens, como no caso de Pentecostes. A cidade é descrita como porosa, assim como as rochas (Benjamin, 1987, p. 147). Benjamin não considera sua visita à Nápoles muito agradável, pois a cidade é um centro urbano no qual a vida é repartida, porosa e entremeada (Benjamin, 1987, p. 152). Nesse sentido, vemos que no relato sobre Nápoles, Benjamin é um narrador-observador; não temos mais um narrador em primeira pessoa como no relato de Pentecostes. Percebe-se, portanto, um “esvaziamento do eu”. Assim, Benjamin faz uma leitura da cidade, seguindo uma orientação materialista antropológica, que ocorre por meio da observação da população e dos aspectos que compõem a estrutura da cidade.

Em seu texto *Infância berlinense por volta de 1900*, Benjamin trata de acontecimentos em torno de sua própria infância, que envolveriam elementos constitutivos de uma suposta autobiografia do autor. Não é óbvio, no entanto, categorizar a obra no gênero da autobiografia. Como afirma Carla Damião, temos uma narrativa negativa e transgressora em *Infância berlinense por volta de 1900*, que revela a quase negação de si mesmo (Damião, 2003, p. 14). Em certo sentido, podemos considerar o livro como uma espécie de anti-autobiografia, ou ainda como uma subversão da forma autobiográfica tradicional (Damião, 2003, p. 181-182). *Infância berlinense* não possui uma ordem cronológica rígida, na qual estão presentes todas as etapas de uma vida, e está voltado para uma análise dos ambientes urbanos de Berlim, perpassando momentos específicos e descontínuos. Assim, ainda segundo Damião, “os fragmentos que compõem a narrativa propositalmente entrecortada privilegiam o mundo dos objetos e de imagens junto a uma leitura topográfica da cidade” (Damião, 2003, p. 185). Ao elaborar os relatos sobre sua infância, Benjamin faz uso das noções de memória, de temporalidade e, sob certo aspecto, de subjetividade, que podem ser percebidas nos fragmentos do livro. Nesse sentido, ao retornar aos fatos passados, o autor relembra traços de sua história a partir da perspectiva de um adulto que, num processo de rememoração, fala de si enquanto observador das ocorrências do passado, num contexto presente. Notamos que, ao

realizar esse percurso de retomada da infância, o autor alemão trata com especial atenção dos cenários urbanos de sua cidade natal.

Como afirma Benjamin nas Palavras prévias à obra, a retomada do passado por meio de retratos de aspectos de sua infância é considerada necessária, e não é tratada como esforço casual e meramente biográfico (Benjamin, 2013, p. 70). No mesmo texto, Benjamin diz ter se apoderado “das imagens nas quais se evidencia a experiência da grande cidade por uma criança da classe burguesa” (Benjamin, 2013, p. 70). É nesse sentido, então, que o autor trata de sua infância com um olhar particular; não como algo estritamente subjetivo, mas como algo que extrapola a esfera privada. Benjamin entende as experiências do passado como portadoras de sentidos necessários para o entendimento do tempo presente e para as apostas no futuro. Nas narrativas sobre o cotidiano de sua infância percebemos, então, uma temporalidade fragmentada, entrecortada pelos relatos do autor, num movimento pendular entre o antigo e o moderno. A partir de tal movimento, temos, de um lado, a criança que vivencia os lugares de sua cidade natal; e, de outro, o adulto que reflete sobre questões da modernidade a partir da lembrança de sua infância. A respeito desse tipo de escrita fragmentária, Blanchot entende que “a interrupção é necessária em toda a sequência de palavras; a intermitência torna possível o devir; a descontinuidade assegura a continuidade do pensamento” (Blanchot, 2001, p. 132 em Sedlmayer, 2011, p. 46). O que está em questão é a descontinuidade da temporalidade vivida pelo sujeito da narrativa, que percebe, já adulto, as rupturas entre o que se passou e o que ocorre no presente. Ao valorizar as imagens urbanas de sua infância, Benjamin não visa uma exegese autobiográfica daquele período de sua vida, mas se preocupa com lembranças particulares, que se mostram fundamentais para o entendimento de sua realidade tal como se mostra no presente. Como afirma nas notas prévias, “as imagens da minha infância na grande cidade talvez estejam predestinadas, no seu núcleo mais íntimo, a antecipar experiências históricas posteriores” (Benjamin, 2013, p. 70).

Considerando-se o que foi exposto, podemos entender que o texto autobiográfico, em Goethe e Benjamin, não se fundamenta mais na ideia de

purificação dos pecados, como no “eu” decaído em Santo Agostinho, ou no “eu” que pretende ser reconhecido pelos outros até mesmo em suas fraquezas, como é possível verificar nos escritos autobiográficos de Rousseau. O ato de escrever passa a revelar as condições históricas que possibilitaram a existência do indivíduo que narra. Dessa forma, Goethe e Benjamin desenvolvem um relato de suas viagens não para contar que estavam em determinado lugar vivendo certa aventura, mas para mostrar que aquilo que vem à tona em seus escritos é uma combinação sólida entre natureza e arte. A intenção era representar pela escrita autobiográfica a imagem do mundo, ou seja, que a escrita fosse o espelho daquilo que há de mais importante nas viagens: o encontro com a natureza e com a arte.

Vemos em Goethe e Benjamin uma escrita descontínua, que coloca abaixo uma concepção linear da história. Assim, os dois autores apresentam suas experiências frente às condições de vida nas quais estavam inseridos. A escrita, então, é a fonte que revela aos leitores a vida do narrador; a correspondência entre o indivíduo que escreve sobre si com o mundo ocorre pela narração, que é o produto de suas experiências. Nesse sentido, há uma passagem das experiências subjetivas do narrador, das imagens do pensamento, para a produção literária; as esferas subjetiva e objetiva se constituem simultaneamente. O objetivo de Goethe e Benjamin ao narrar suas viagens, portanto, era transmitir suas experiências a partir dos lugares por onde passaram e das impressões que deles tiveram.

Referências

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas; v. 2).

_____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).

_____. **Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe**. Tradução de Mônica Krausz Bornebusch, Irene Aron e Sidney Camargo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009.

_____. **Rua de mão única Infância berlinense: 1900.** Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. **Minha viagem à Itália, Pentecostes 1912.** Tradução de Carla Milani Damião. Goiânia, 2020.

DAMIÃO, Carla Milani. **Filosofia e narrativas autobiográficas a partir de um projeto de Walter Benjamin.** 2003. 223f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s. n.], 2003.

GOETHE, J. W. **Viagem à Itália.** Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GUIMARÃES, Gabriel Alonso. **Autobiografia em paisagens: um novo olhar sobre a viagem à Itália.** Anais do VI SAPPIL – Estudos de Literatura, UFF, nº 1, 2015, p. 195-204.

JAEGER, Michael. **Uma confissão em fragmentos: Goethe, Fausto e o peregrino.** (2019) Estudos Avançados 33 (96), p. 277-300.

MARTINESCHEN, Daniel. (2019). **O Brasil no divã.** Estudos avançados 33 (96), p. 301-316.

MAAS, Wilma Patricia M. D. **Poesia e verdade, de Goethe: a estetização da existência.** Cerrados (UnB. Impresso), Brasília, v. 9, n.8, p. 165-177, 1999.

QUINTELLA, Siumara da Silveira Melo; LASTÓRIA, Luiz Antonio Calmon Nabuco. Notas sobre o Conceito de Formação “Bildung” em Goethe e Rousseau. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 12, n. 3, p. 723-740, set./dez. 2018.

SEDLMAYER, Sabrina. Sobre os restos: Infância berlinense por volta de 1900. **Cadernos Benjaminianos**, n. 4, Belo Horizonte, ago-dez 2011, p. 43-51.

Recebido em: 21/05/2021

Aceito em: 13/12/2021